



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	O TERRITÓRIO NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO DE AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES NO SUL DO BRASIL
<b>Autor</b>	JULIANA VANESI LOPES DA SILVA
<b>Orientador</b>	ERICA KARNOPP

## **O TERRITÓRIO NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO DE AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES NO SUL DO BRASIL**

Acadêmica: Juliana Vanesi Lopes da Silva  
Orientadora: Erica Karnopp  
Universidade de Santa Cruz do Sul

Múltiplos estudos buscam demonstrar os aspectos positivos sobre a configuração da organização da produção agrícola familiar, a qual dá-se por intermédio do sistema associativo, com ênfase a sua capacidade de resposta perante as políticas públicas. Todavia, ao analisar mais atentamente os processos produtivos, os mecanismos de comercialização ou mesmo de industrialização da produção, percebe-se um atrelamento dos agricultores a grandes empresas, vinculadas ao processo da Revolução Verde, que atuam fortemente a montante e a jusante da produção agrícola. Esta pesquisa tem como objetivo a análise de agroindústrias familiares, tendo como elemento norteador o território, a partir de um estudo comparativo sobre o processo de constituição e de funcionamento das agroindústrias familiares localizadas nas regiões do Vale do Rio Pardo, no estado do Rio Grande do Sul e do Oeste Catarinense, no estado de Santa Catarina. A escolha do seguimento agroindústrias familiares e das regiões em pauta, justifica-se por pertencerem, em sua maioria, a regiões com limitantes econômicos e por serem mecanismos de desenvolvimento importantes para a inclusão social em regiões que tiveram similaridade em sua gênese de ocupação e trajetória institucional e econômica. Nessa perspectiva, as particularidades da agricultura familiar, sua fragmentação em diversas tipologias e sua irregular organização política e produtiva são um desafio a ser enfrentado pelos próprios agricultores, pelas políticas públicas bem como pelas Universidades que devem se aproximar dessa realidade para poder colaborar na construção de práticas sustentáveis. Não obstante, constata-se que o modelo de desenvolvimento econômico construído a partir da década de 1950 com a implementação do pacote tecnológico, foi pautado em uma política homogeneizadora que, por muitos anos, ocultou a capacidade de organização dos agricultores, retirando-os do poder de decisão e colocando-os como meros receptores de tecnologias e políticas. Embora esse processo tenha efetivamente aumentado a produtividade agrícola, trouxe como um dos desdobramentos sociais mais evidentes a redução da capacidade dos agricultores de organizarem e administrarem sua produção provocando ainda mais a marginalização de suas iniciativas. Dessa forma, é necessário ressaltar que a Revolução Verde não foi pacificamente absorvida pelos agricultores. Processos de resistência e construção de alternativas foram estabelecidos em distintas temporalidades, contudo, com diferentes eficiências. Em todos, no entanto, o que se observa, é a menor ou maior capacidade das lideranças e agricultores em analisar a realidade e construir respostas adequadas ao modelo de desenvolvimento vigente. Um desses processos de resistências e busca de alternativas apresenta-se no crescente número de agroindústrias familiares que vem sendo constituídas em todas as regiões do Brasil. Porém, por serem, na sua maioria agroindústrias de pequeno porte, elas enfrentam enormes dificuldades de organização e de gestão o que compromete a sua sustentabilidade. Esse cenário pode se agravar, uma vez que essas modalidades de organizações, estas normalmente, localizadas em áreas periféricas quanto à produção de culturas mais integradas aos mercados, em regiões de estrutura fundiária confinada, de mão de obra familiar e com utilização e dependência da exploração dos recursos naturais.